

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR EM CONTEXTOS BRASILEIROS

INTRAFAMILY VIOLENCE IN BRAZILIAN CONTEXTS

GABRIELLA GARCIA JACINTO¹
RAQUEL NASCIMENTO NUNES²
MARGARETH VERÍSSIMO DE FARIA³

RESUMO

A Violência Intrafamiliar ainda é um termo pouco utilizado na literatura, ainda se encontram muitas pesquisas referenciando o termo Violência Doméstica, porém, em alguns estudos se notam semelhança e em outros se indica distinção entre os mesmos, restringindo-se em sua maioria à violência praticada contra a mulher. A temática desta pesquisa é de muita relevância uma vez que a população brasileira tem contemplado altos índices de violência, em especial no âmbito familiar. O método utilizado foi a revisão sistemática/integrativa. Para a elaboração do estudo foram selecionados três bancos de dados: SciELO, PEPSIC e LILACS. Foram selecionadas 26 pesquisas, publicadas no Brasil nos últimos cinco anos. Entre os principais fatores associados à ocorrência de violência intrafamiliar, acentuam-se: baixa escolaridade, maior número de vítimas do sexo feminino, baixa renda/pobreza, subalternidades de gênero e geração, uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, déficits nas redes de proteção, negligência e despreparo profissional para atender a comunidade.

Palavras-chave: Violência Intrafamiliar. Violência Doméstica. Revisão Sistemática.

ABSTRACT

Intrafamilial Violence is still a term little used in the literature, there are still many studies referencing the term Domestic Violence, however, in some studies similarity is noted and in others there is a distinction between them, mostly restricting themselves to violence against women. The theme of this research is very relevant since the Brazilian population has contemplated high rates of violence, especially in the family context. The method used was systematic/integrative review. For the preparation of the study, three databases were selected: SciELO, PEPSIC and LILACS. Twenty-six studies were selected, published in Brazil in the last five years. Among the main factors associated with the occurrence of intrafamilial violence, there is: low schooling, higher number of female victims, low income/poverty, subalternities of gender and generation, abusive use of licit and illicit drugs, deficits in protection networks, negligence and professional unpreparedness to serve the community.

Keywords: Intrafamily Violence. Domestic Violence. Systematic Review.

INTRODUÇÃO

A palavra violência segundo o dicionário (MICHAELIS, 2019) significa qualidade ou característica de violento, ato de crueldade, emprego de meios violentos, fúria repentina e coação

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil. E-mail: gabriellagabi1806@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). Anápolis, Goiás, Brasil E-mail: raquelnascnunes@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), com pós-doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). É docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). Goiânia, Goiás, Brasil. Email: margarethverissimo@gmail.com

que leva uma pessoa à sujeição de alguém. Conforme Miura (2018), o uso do termo violência intrafamiliar está interligado ao termo violência doméstica, embora em algumas literaturas haja o uso de ambos como sinônimos. Em 46 artigos pesquisados a citação de violência doméstica referiu-se à violência de gênero e contra a mulher, já nas pesquisas direcionadas às crianças e adolescentes o uso dos termos foram variados e, para a referenciação de violência acometida aos idosos, o termo utilizado foi violência intrafamiliar.

O Ministério da Saúde determina a distinção dos tipos de violência, a partir da diferenciação de entre as correlações parentais e o local de ocorrência do ato.

A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra. O conceito de violência intrafamiliar não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre, mas também as relações em que se constrói e efetua. A violência doméstica distingue-se da violência intrafamiliar por incluir outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. Incluem-se aí empregados (as), pessoas que convivem esporadicamente, agregados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002, p. 15).

Conforme a Biblioteca Virtual em Saúde (2002), a violência intrafamiliar “é um problema social de grande dimensão que afeta toda a sociedade, atingindo, de forma continuada, especialmente mulheres, crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência”. Para que haja o enfrentamento deste problema público é de fundamental importância haver propagação, conhecimento de mecanismos preventivos e interventivos, bem como as consequências acerca desse tipo de violência, em função de favorecer a ética e democracia para todo e qualquer indivíduo.

A violência intrafamiliar se constitui em um preocupante problema de saúde pública, relativa às consequências físicas e psicológicas suscitadas nas vítimas a longo prazo. Estudos no âmbito da saúde apontam que, em curto prazo, indivíduos sujeitos à violência tendem a desenvolver problemas como depressão, agressividade, ansiedade e dificuldades de convívio social e nas crianças e adolescentes, dificuldade de aprendizado (SCHEK *et al*, 2018).

Esta pesquisa justifica-se em razão de explorar a temática, pois supõe-se que através da difusão do conhecimento haja maior incentivo ao embate a esse fenômeno social, cultural e histórico arraigado no país, tendo em vista a propagação da violência crescente no atual cenário e a repercussão de danos físicos, psicológicos, sexuais, econômicos e até mesmo perdas na saúde das vítimas.

Pela classificação do SUS existem dez tipos de violência intrafamiliar, quais sejam violência física, violência sexual, estupro, abuso sexual na infância ou na adolescência, abuso incestuoso, sexo forçado no casamento, assédio sexual, violência psicológica, violência econômica ou financeira e violência institucional (BVSMS, 2002).

Sabe-se que fatores relacionados a condição econômica, sociocultural e biológicas estão amplamente relacionados a ocorrência da violência intrafamiliar. Para isso, é imprescindível identificar populações de risco e as possíveis vítimas para prevenir e intervir na sociedade através de programas psicoeducativos.

OBJETIVOS GERAIS

Descrever as estatísticas sobre violência intrafamiliar no Brasil e em Goiás, a partir de dados estatísticos publicados em relatórios oficiais do governo federal, comparando-os com dados dos últimos 10 anos de relatórios anteriores para refletir sobre a realidade brasileira e o papel da psicologia social nesse contexto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, ter-se-ão:

- a) Descrição dos dados de violência intrafamiliar de relatórios sobre violência no Brasil;
- b) Definição de estratégias preventivas e propulsoras à saúde pública;
- c) Discussão o compromisso da psicologia nesse contexto.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada a busca dos sites SCIELO, PEPsic e LILACS, com a finalidade de verificar o resultado existente utilizando os seguintes descritores: violência infantil, abuso sexual, criança e adolescente e intervenções contra abuso sexual infantil.

A busca bibliográfica de estudos foi realizada em contexto brasileiro ordenado na área da Psicologia Social. Para identificar os estudos sobre o tema Violência intrafamiliar utilizou-se a expressão “abuso sexual infantil na área da Psicologia no contexto brasileiro”. As bases de busca de referências bibliográficas, que concentra fontes de informação científica, nacionais serão SCIELO (base de dados multidisciplinar, gratuita e que reúne periódicos completos do Brasil, Caribe e

América Latina), PEPSIC (base gratuita que inclui textos completos da Psicologia e áreas afins) e LILACS (importante e abrangente índice da literatura científica e técnica da América Latina e Caribe).

Os resumos desses estudos foram analisados seguindo os critérios de inclusão e exclusão. Como critérios de inclusão foram estabelecidos: artigos de revisão teórica que estejam publicados em língua portuguesa e artigos empíricos com população brasileira adolescente e crianças que já sofreram abuso sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos artigos pesquisados (Quadro 1), a partir do descritor “violência intrafamiliar” inicialmente no site SciELO (Scientific Electronic Library Online) foram encontrados 99 estudos. Já no site LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) se obteve 30 artigos. Por fim, na plataforma PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) aparecerem uma quantidade de 15 artigos, os critérios de inclusão utilizados até então foram: país de afiliação Brasil e tipo de literatura artigo, no idioma português.

A partir da leitura dos títulos dos artigos, foram selecionados aqueles que se enquadravam na busca. Posteriormente buscou-se avaliar os resumos e confirmar a consonância das pesquisas com a finalidade do presente estudo, sendo o público formado por indivíduos do sexo masculino e feminino de todas as faixas etárias, que sofreram violência no âmbito familiar nos últimos 5 anos.

No site SciELO, foi pesquisado inicialmente pelo descritor “violência intrafamiliar”, alcançando o número de 99 artigos. Após a filtragem por ano de publicação entre 2014 a 2019 reduziu-se para 34 artigos e ao ler os resumos foram selecionados 20 artigos de acordo com a relevância de seus conteúdos.

Ao fazer a busca na plataforma LILACS, foi apontada a quantidade de 30 artigos, em seguida ao filtrar por data de publicação e leitura dos resumos, apenas 7 foram encontrados. Destes, 4 artigos foram escolhidos. Posteriormente, no site PEPSIC foram encontrados somente 15 artigos. Estes ao serem filtrados pelas datas e resumos restaram somente 5 artigos. Na seleção permaneceram 2 artigos.

Foram excluídos artigos de Revisão Sistemática e pesquisas direcionadas estritamente à área da enfermagem, não possuindo alguma relação com a psicologia. Em seguida, foram lidos os 26 artigos que se correlacionaram com os critérios de inclusão e exclusão desta pesquisa.

Quadro 1. Pesquisa nas bases de dados (2014 a 2019)

Banco de dados	Encontrados	Selecionados	Excluídos
Scielo	34	20	14
Lilacs	7	4	3
Pepsic	5	2	3

Entre os artigos analisados, três foram publicados na Revista *Ciência & Saúde Coletiva*, três na *Revista latino-americana de enfermagem*, dois em *Estudos de Psicologia*, dois na Plataforma *Saúde e Sociedade* e apenas um artigo em cada uma das seguintes revistas: *Cadernos de Saúde Pública*, *Gaúcha de Enfermagem*, *Temas em Psicologia*, *Revista da SPAGESP*, *Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação*, *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, *Trends in Psychology*, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *Revista brasileira de enfermagem*, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *Estudos Econômicos*, *Escola de Enfermagem da USP*, *Educação & Realidade*, *Texto & Contexto-Enfermagem*, *Trabalho, Educação e Saúde*, *Estudos Feministas* e *Acta Paulista de Enfermagem*. No Quadro 2 apresenta-se a descrição dos artigos selecionados na busca.

Quadro 2. Relação de estudos e autores

TÍTULO	ANO	AUTORES	BASE
1. O desamparo vivenciado por mães adolescentes e adolescentes grávidas acolhidas institucionalmente	2018	MIURA, P. O., TARDIVO, L. S. D. L. P., e BARRIENTOS, D. M. S.	SCIELO
2. Articulação Entre O Conselho Tutelar E O Setor Saúde No Enfrentamento À Violência Intrafamiliar	2018	LIRA, S. V. G. <i>et al.</i>	SCIELO
3. Características Biopsicossociais entre Acusados de Agressão Sexual contra Crianças/Adolescentes em Contextos Intra e Extrafamiliar.	2018	COSTA, L. P. D., ROCHA, C. J. B. D., e CAVALCANTE, L. I. C.	SCIELO
4. Da Proteção ao Risco: Configurações da Violência Intrafamiliar na Juventude Paraense	2017	MAIA, R. C. <i>et al.</i>	SCIELO
5. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência	2017	BARUFALDI, L. A. <i>et al.</i>	SCIELO

6. Organização das práticas profissionais frente à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes no contexto institucional	2017	SCHEK, G. <i>et al.</i>	SCIELO
7. Violência contra crianças e adolescentes: o olhar da Atenção Primária à Saúde	2017	CARLOS, D. M., PÁDUA, E. M. M. e FERRIANI, M. G. C.	SCIELO
8. O sofrimento psíquico das mães adolescentes acolhidas institucionalmente	2017	MIURA, P. O., TARDIVO, L. S. D. L. P. e BARRIENTOS, D. M. S.	SCIELO
9. Programa Bolsa Família e violência doméstica contra a mulher no Brasil	2016	MOREIRA, G. C. <i>et al.</i>	SCIELO
10. Os profissionais e a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: entre os preceitos legais e conceituais	2016	SCHEK, G. <i>et al.</i>	SCIELO
11. Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar	2016	LIMA, J. A. e ALBERTO, M. D. F. P.	SCIELO
12. Concepções sobre Violência Intrafamiliar na Área Educacional	2016	BRINO, R. F. e SOUZA, M. A. D. O.	SCIELO
13. Contextualizando a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: a implicação dos territórios de cuidado	2016	CARLOS, D. M. e FERRIANI, M. D. G. C.	SCIELO
14. Percepção dos profissionais de saúde frente às intervenções primárias: prevenindo a violência intrafamiliar	2015	OLIVEIRA, A. M. N. D. <i>et al.</i>	SCIELO
15. Concepções e Práticas dos Profissionais de Saúde Acerca da Violência Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes	2015	DA COSTA, D. K. G. <i>et al.</i>	SCIELO
16. Mulheres que denunciam violência sexual intrafamiliar	2014	SANTOUCY, L. B. <i>et al.</i>	SCIELO
17. Expressão da violência intrafamiliar contra idosos	2014	REIS, L. A. D. <i>et al.</i>	SCIELO
18. Sistemas de justiça e a vitimização secundária de crianças e ou adolescentes acometidas de violência sexual intrafamiliar.	2014	ROQUE, E. M. D. S. T. <i>et al.</i>	SCIELO
19. Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de Saúde da Família	2014	MACHADO, J. C. <i>et al.</i>	SCIELO
20. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays	2014	PERUCCHI, J., COELHO BRANDÃO, B. e DOS SANTOS VIEIRA, H. I.	SCIELO
21. Plantão psicológico na delegacia da	2016	FARINHA, M. G. e SOUZA, T.	PEPSIC

mulher: experiência de atendimento sócio-clínico		M. C.	
22. Mapeamento do conhecimento de professores sobre violência intrafamiliar	2018	CASCARDO, G. M. e GALLO, A. E.	PEPSIC
23. Atendimento dos casos de violência em serviços de urgência e emergência brasileiros com foco nas relações intrafamiliares e nos ciclos de vida	2017	AVANCI, J. Q., PINTO, L. W. e ASSIS, S. G. D.	LILACS
24. A violência familiar e a criança e o adolescente com deficiências	2016	BARROS, A. C. M. W. D., DESLANDES, S. F. e BASTOS, O. M.	LILACS
25. Violência sexual contra adolescentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul	2015	JUSTINO, L. C. L. <i>et al.</i>	LILACS
26. Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: pesquisa em denúncias e sentenças judiciais	2014	PINCOLINI, A. M. F. e HUTZ, C. S.	LILACS

Doze estudos tiveram como local de pesquisa setores da saúde, quatro artigos foram pesquisados através de dados obtidos em processos judiciais e três pesquisas foram efetuadas na área escolar. O público mais evidente nos estudos referentes ao tema é o de crianças e adolescentes, sendo sexo feminino o mais vitimizado na violência intrafamiliar. Destaca-se também em sete pesquisas a dificuldade dos profissionais em atender os casos de violência.

A análise dos artigos viabilizou encontrar os principais aspectos colaboradores para a ocorrência de violência intrafamiliar, entre eles: baixa renda, déficit escolar e influência significativa da cultura patriarcal.

Com o intuito de descrever a comparação entre os índices de violência intra e extrafamiliar, três estudos buscaram identificar a prevalência em ambos os contextos (AVANCI, PINTO e ASSIS, 2017; JUSTINO *et al.*, 2015; PINCOLINI e HUTZ, 2014; COSTA, ROCHA e CAVALCANTE, 2018). Em dois estudos a taxa de ocorrências no âmbito intrafamiliar foi superior em relação à violência extrafamiliar, com baixa variação estatística, os dados apontaram 53,7% e 51,7%, enquanto que no âmbito extrafamiliar houve a preponderância de 73,4% em outro estudo e numa outra pesquisa a violência extrafamiliar teve um baixo percentil acima da intrafamiliar, sendo este de 51,9%.

No estudo realizado por Costa, Rocha e Cavalcante (2018) também é possível destacar o principal local de ocorrência dos episódios de agressão, referindo-se às residências das vítimas e dos acusados em 100% dos casos examinados. Os autores salientam ainda que 98% dos agressores eram do sexo masculino com mais de 30 anos de idade.

Ao analisar a reincidência da violência, em três pesquisas (MIURA, TARDIVO e BARRIENTOS, 2018; LIMA e ALBERTO, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2015) levantaram as seguintes correlações, repetição da história de mães e filhas quanto à situações de violência e desamparo dos companheiros, revitimização do abuso sexual intrafamiliar feminino entre gerações, sendo os principais fatores de risco denotados foram famílias que passaram por situações de dificuldades

financeiras, perdas, separação do casal, morte, baixa qualidade de comunicação entre os familiares e uso abusivo de drogas.

Conforme os resultados encontrados, se observa a predominância de violência física no âmbito intrafamiliar (AVANCI, PINTO e ASSIS, 2017). As vítimas do sexo feminino recebem maior destaque, como confirma em outra pesquisa (JUSTINO *et al*, 2015) sendo essa população 94,8% das vítimas. Um terceiro estudo Pincolini e Hutz (2014) relata que 78% das vítimas de agressores adultos são mulheres. Ainda numa quarta pesquisa essa hegemonia está presente, os autores (BARUFALDI *et al*, 2017) trazem dados de 2011 a 2015 do SINAN notificando o principal perfil de vítimas constatadas constituído por mulheres negras de baixa escolaridade.

Outro estudo traz semelhanças com os dados citados acima (MOREIRA *et al*, 2016), averiguam a influência de mulheres que recebem o benefício do programa Bolsa Família e possuíam renda familiar inferior aos cônjuges e moradoras do meio rural estiveram mais suscetíveis à violência.

O impacto do estudo na diminuição de violência doméstica foi verificado em outras duas pesquisas (COSTA, ROCHA e CAVALCANTE, 2018; MOREIRA *et al*, 2016) no primeiro estudo, todas as vítimas entrevistadas possuíam histórico de evasão e repetição escolar, no segundo verifica-se que condições de escolaridade e situações socioeconômicas são capazes de afetar o fenômeno. Observou-se conjuntamente os lares onde ocorria violência os filhos tinham baixo rendimento escolar e desajustes psicológicos. Ainda constatou-se haver alta probabilidade de serem futuros agressores em vista da interdependência dos fatores assinalados.

Com o objetivo de levantar dados a partir dos tipos de violência e agressores, foram identificados (MAIA *et al*, 2017) altos percentuais de violência física sendo pais os principais agressores e mães, avós ou madrastas demonstraram elevados índices de agressão psicológica. A pesquisa de Machado *et al* (2014) evidencia as categorias de agressão e suas incidências mais frequentes de acordo com as faixas etárias e o gênero feminino, sendo a violência psicológica, física e negligência em crianças. Nos idosos não foi encontrado precisamente o tipo de agressão, mas seus agressores, especificamente familiares e cuidadores e nas mulheres os tipos de violência mais comuns foram física e psicológica.

Em outro estudo foram verificados os tipos de agressão cometidos na população idosa. O tipo mais recorrente de violência foi negligência, bem como altos índices de violência psicológica e exploração financeira (REIS *et al*, 2014).

No estudo de Perucchi, Brandão e Vieira (2014), denota-se o embate entre a ocorrência de discriminação resultante da homofobia nos lares, sendo as vítimas passíveis de episódios

conflituosos, tais como, humilhações e expulsão do ambiente familiar e outros atos de violência psicológica afetando a saúde dessa população.

Buscando-se analisar a violência em indivíduos portadores de deficiência, os autores Barros, Deslandes e Bastos (2016) averiguaram o público infantil e constataram a predominância de violência física e psicológica principalmente em vítimas de deficiência intelectual, sendo a principal causa a Síndrome de Down.

Ao analisar traços biopsicossociais dos agressores de violência sexual Costa, Rocha e Cavalcante (2018) constataram haver uma adjacente interferência da cultura patriarcal em relação à estruturação familiar originando desigualdades de gênero e idade. Na pesquisa de Santoucy *et al* (2014) foram verificados de forma semelhante o posicionamento patriarcal no contexto histórico e cultural influenciador na violência acometida no lar.

Através dos índices elevados de violência com muitos casos recidivos (LIMA e ALBERTO, 2016; BARUFALDI *et al*, 2017) é possível evidenciar a relevância de atendimento adequado às vítimas oferecendo uma rede de proteção apropriada de forma a dificultar os casos de revitimização.

No estudo de Cascardo e Gallo (2018) constatou-se dificuldade por parte dos profissionais do âmbito escolar acerca da identificação de casos de violência intrafamiliar, 78,4% tinham informações gerais sobre o tema, mas somente 48,8% possuíam capacidade para assessorar as vítimas.

Nesse segmento há três estudos que tratam da dificuldade de articulação entre profissionais da rede de apoio às vítimas de violência intrafamiliar. Lira (2018) verificou lacunas entre o atendimento do conselho tutelar e o setor saúde para com as vítimas, em outras pesquisas (SCHEK *et al*, 2017; LIMA e ALBERTO, 2016) trata-se acerca da baixa assertividade dos setores, a partir da burocracia, sendo descrita como um processo de “peregrinação” até o recebimento de apoio, má gestão entre os serviços, escassez de profissionais, grande demanda e relações de poder entre médicos e enfermeiros, tutelares e serviço social, juízes e psicólogos.

Na pesquisa de Roque *et al* (2014) nota-se burocratização, despreparo e formalidade demasiada constituindo um cenário judicial inadequado para receber crianças e adolescentes vítimas de violência sexual facilitando assim uma revitimização secundária. Observa-se por meio de outra pesquisa (Farinha e Souza, 2016), feita por um projeto social do curso de psicologia de uma universidade brasileira, a grande valia do atendimento psicológico oferecido às vítimas, dando suporte ao sofrimento por meio do acolhimento, promovendo uma reorganização psíquica e favorecimento à população ao se garantir tais direitos sociais.

Ao se averiguar pesquisas apontando os aspectos da condução das práticas profissionais encontraram-se dois estudos (SCHEK *et al*, 2016; COSTA *et al*, 2015). Como obstáculos a um

atendimento favorável encontram-se insegurança e despreparo para atender os casos, negligência ao preservar a identidade da família, complicações em constatar as agressões, dificuldade em realizar denúncias, problemas em atender o agressor e a família que espera recursos protetivos à vítima.

Outros estudos analisaram a necessidade de se explorar novos mecanismos de intervenção nos setores de apoio (CARLOS, PÁDUA e FERRIANI, 2017; BRINO e SOUZA, 2016; CARLOS e FERRIANI, 2016). Os profissionais utilizam-se com técnicas retrógradas e desatualizadas com o passar dos anos, destacando assim a importância de haver constante estudo acerca das perspectivas de atendimento em acordo com o atual contexto histórico, um cenário em que se surge novos paradigmas, onde a concepção objetivista e biologicista ainda predomina, negligenciando as subjetividades do sujeito. Propõe-se também novas estratégias de manejo que incitem uma análise multidimensional de cada caso, averiguando a concepção da vítima, familiar e da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar e analisar os processos ocorridos em torno da violência intrafamiliar. Os resultados acentuaram grande influência de fatores relativos à construção sócio-cultural e econômica do cenário brasileiro.

Percebeu-se que os casos de violência em grande parte perpetuam na transgeracionalidade familiar, onde os filhos repercutem o padrão de comportamento vivenciado no lar. O ciclo de agressividade é influenciado ativamente pela falta de recursos básicos, declínio de habilidades sociais e baixo nível escolar.

Evidenciaram-se também as consequências deste fenômeno, ocasionando malefícios físicos, psicológicos e sociais aos indivíduos, havendo a necessidade de elaborar novas práticas de políticas públicas para promover saúde e amparo social necessário à comunidade.

REFERÊNCIAS

AVANCI, Joviana Quintes; PINTO, Liana Wernersbach; ASSIS, Simone Gonçalves de. Atendimento dos casos de violência em serviços de urgência e emergência brasileiros com foco nas relações intrafamiliares e nos ciclos de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2825-2840, 2017.

BARROS, Ana Cláudia Mamede Wiering de; DESLANDES, Suely Ferreira; BASTOS, Olga Maria. A violência familiar e a criança e o adolescente com deficiências. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, p. e00090415, 2016.

BARUFALDI, Laura Augusta *et al.* Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & saúde coletiva**, v. 22, p. 2929-2938, 2017.

BRINO, Rachel Faria; SOUZA, Mayra Aparecida de Oliveira. Concepções sobre violência intrafamiliar na área educacional. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 4, p. 1251-1273, 2016.

CARLOS, Diene Monique; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Contextualizando a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: a implicação dos territórios de cuidado. **Revista Latino-Americana De Enfermagem**, v. 24, p. e2735, 2016.

CARLOS, D. M.; PÁDUA, E. M. M.; FERRIANI, M. G. C. Violência contra crianças e adolescentes: o olhar da Atenção Primária à Saúde. **Rev. Bras. Enferm [internet]**, p. 537-44, 2017.

CASCARDO, Geysa Machado; GALLO, Alex Eduardo. Mapeamento do conhecimento de professores sobre violência intrafamiliar. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520**, n. 46, 2018.

COSTA, Lucilene Paiva da; ROCHA, Carlos Joaquim Barbosa da; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves. Características Biopsicosociales entre en los Acusados de Agresión Sexual Contra los Niños/Adolescentes en el Contexto Intra y Extra Familiar. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 283-295, 2018.

COSTA, Dayse Kalyne Gomes da *et al.* Concepções e práticas dos profissionais de saúde acerca da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 13, p. 79-95, 2015.

FARINHA, Marciana Gonçalves; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Plantão psicológico na delegacia da mulher: experiência de atendimento sócio-clínico. **Revista da SPAGESP**, v. 17, n. 1, p. 65-79, 2016.

JUSTINO, Lucyana Conceição Lemes *et al.* Sexual violence against adolescents in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. SPE, p. 239-246, 2015.

LIMA, Joana Azevêdo; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 21, n. 3, p. 337-347, 2016.

LIRA, Samira Valentim Gama *et al.* ARTICULAÇÃO ENTRE O CONSELHO TUTELAR E O SETOR SAÚDE NO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR. **Trabalho, Educação e Saúde**, n. *ahead*, 2018.

MACHADO, Juliana Costa *et al.* Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de Saúde da Família. **Saúde e sociedade**, v. 23, p. 828-840, 2014.

MAIA, Rosely Cardoso *et al.* Da proteção ao risco: configurações da violência intrafamiliar na juventude paraense. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, 2017.

MIURA, Paula Orchiucci *et al.* Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

MIURA, Paula Orchiucci; TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury; BARRIENTOS, Dora Mariela Salcedo. O desamparo vivenciado por mães adolescentes e adolescentes grávidas acolhidas institucionalmente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1601-1610, 2018.

_____. O sofrimento psíquico das mães adolescentes acolhidas institucionalmente. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 20, n. 2, p. 331-348, 2017.

MOREIRA, Gustavo Carvalho *et al.* Programa Bolsa Família e violência doméstica contra a mulher no Brasil. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 46, n. 4, p. 973-1002, 2016.

DE OLIVEIRA, Adriane Maria Netto *et al.* Percepção dos profissionais de saúde frente às intervenções primárias: prevenindo a violência intrafamiliar. **Texto & Contexto-Enfermagem**, 24(2), 424-431, 2015.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; DOS SANTOS VIEIRA, Hortênsia Isabela. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014.

PINCOLINI, Ana Maria Franchi; HUTZ, Cláudio Simon. Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 301-311, 2014.

DOS REIS, Luana Araújo *et al.* Expressão da violência intrafamiliar contra idosos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 27, n. 5, p. 434-439, 2014.

OQUE, Eliana Mendes de Souza Teixeira *et al.* Sistemas de justiça e a vitimização secundária de crianças e ou adolescentes acometidas de violência sexual intrafamiliar. **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 801-813, 2014.

SANTOUCY, Luíza Barros *et al.* Mulheres que denunciam violência sexual intrafamiliar. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 731-754, 2014.

SCHEK, Gabriele *et al.* Práticas profissionais que silenciam a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, n. 1, 2018.

SCHEK, Gabriele *et al.* Organização das práticas profissionais frente à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes no contexto institucional. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, p. e2889, 2017.

SCHEK, Gabriele *et al.* Os profissionais e a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: entre os preceitos legais e conceptuais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 5, p. 779-784, 2016.

recebido em: 8 de junho 2019
aprovado em: 13 de novembro 2019